

CIDADANIA & TERRITÓRIO I

Cristhian Moreira Brum¹ e Thaís Debli Libardoni²

O lugar humano representa o espaço apropriado por meio da participação cidadã que se dissemina pelo meio político, social e cultural e que investe na resistência da hegemonia político-social-cultural. Esse complexo processo é intermeado pelas identidades dos diversos atores que dele participam e conduz à construção do significado de espaços físicos, por meio do qual eles adquirem força e constituem lugares.

Dessa forma, a noção de território aqui abordada ultrapassa as questões físicas espaciais, sendo acrescida pelas questões humanas e tudo aquilo que as afetam. Ela lida com o dinamismo urbano das apropriações e das exclusões e seus reflexos diários na cidadania dos diversos grupos sociais e sob as mais variadas formas. A amplitude dos conceitos de território e cidadania é o que permite que esta chamada percorra caminhos distintos, mas que se encontram em alguns pontos fundamentais de convergência.

Nesse contexto, o ser arquiteto é envolto de criatividade e ao mesmo tempo movido por desafios do cotidiano e intrínseco aos problemas da comunidade e às suas subjetividades. Quando suas ações são sensíveis e atentas tanto aos desejos comuns da comunidade em geral, quanto às necessidades particulares de grupos específicos, a cidade se torna um território mais democrático.

Esta chamada possui o compromisso de dar continuidade, aprofundar e ampliar discussões iniciadas durante o 3º Congresso Internacional de Cidadania, Espaço Público e Território, sediado em 2021 pela Universidade Federal de Pelotas. Organizada em duas edições, seu principal objetivo é dialogar, por meio da ciência, com as transformações da realidade urbana do território, sejam elas locais, regionais ou internacionais, a partir de uma abordagem interdisciplinar e globalizada, fortalecendo relações num objetivo comum de proporcionar novos paradigmas para a resolução dos problemas da sociedade.

1 Possui Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI Campus de Santiago - 2009), Especialista em Gestão Ambiental pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA - 2010), Mestre em Engenharia Civil e Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - 2012), na área de concentração de Construção Civil e Preservação Ambiental e linha de pesquisa de Conforto Ambiental. Doutor em Educação nas Ciências, na área de concentração em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ Campus de Ijuí - 2017). Desenvolveu Estágio Pós-Doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ Campus de Ijuí - 2019), nas áreas de Educação, Formação Cidadã e Arquitetura e Urbanismo. Atua como Professor do Magistério Superior - Classe A, com dedicação exclusiva, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo; Coordenador Adjunto e Professor Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/FAURB/UFPel).

2 Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (FAUrb-UFPel) (2010), é Mestre em Arquitetura e Urbanismo também pela Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU-UFPel) (2018). Em 2019 foi Pesquisadora Associada ao Laboratório de Estudos Comportamentais da Universidade Federal de Pelotas (LABCom/UFPel), ligada ao Projeto 'Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities', financiado pelo Economic and Social Research Council (ESRC) -Newton Fund (UK). Em 2021 foi Bolsista de Extensão no País (CNPQ) no projeto "PlaceAge-COVID: Delivering Age-Friendly Cities to Support Social Wellbeing in Response to COVID-19". Investiga as relações ambiente-comportamento na promoção de cidades mais sustentáveis e saudáveis para o envelhecimento.

É nesta leitura que se projeta toda uma ênfase na questão relacionada à formação de pessoas e, em particular, no que diz respeito à formação acadêmica na Arquitetura e Urbanismo. O ciclo que se institui por meio de um jogo de interesses acadêmicos sociais coloca estes atores juntos na construção de um novo cenário urbano voltado para a cidadania.

Sendo assim, se faz relevante e fundamental as inserções desses atores num contexto que se inicia na sala de aula e se estende até as ações práticas na comunidade, fazendo assumir uma abordagem tanto de prática interdisciplinar, como também científica. Em ambos os casos, a busca é pela organização dos espaços para os sujeitos como ente social por excelência por meio de uma visão mais ampla e pedagógica, tendo como consequência a formação cidadã de professores, estudantes e demais sujeitos envolvidos nesta realidade.

Esta experiência busca gerar uma inter-relação para a construção de plataforma de discussão interdisciplinar que, de forma inovadora, que se utiliza de um olhar coletivo de uma região, por meio de um trabalho de campo integrado sob a forma de intercâmbio de massas intelectuais que possam contribuir com políticas de desenvolvimento científicas e tecnológicas.

Essas vivências entre a teoria e a prática permitem uma reflexão que sugere existir uma relação de interdependência entre esses dois saberes, na qual experiências práticas vão alimentando as propostas curriculares e, por sua vez, os fundamentos teóricos vão dando o encaminhamento para que essas práticas se transformem em ciência. Por isto, esta chamada vem a proporcionar um legado à comunidade e, neste ponto, a análise de como as ações aqui apresentadas podem trazer respostas que facilitem as ações de outros atores, dentro e fora das escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil e exterior.

Iniciando esta edição, a sessão dedicada às entrevistas traz a valiosa visão de profissionais atuantes dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul sobre a temática "cidadania e território". André de Oliveira Torres Carrasco, Daniele Caron, Fernanda Fedrizzi Loureiro de Lima, Igor Guatelli, Jorge Mario Jáuregui, Paolo Colosso e Paulo Afonso Rheingantz utilizam suas experiências pessoais e acadêmicas para refletir sobre esses conceitos a partir de abordagens diferentes e únicas.

A segunda seção da Píxo começa com um debate conceitual sobre a noção de território proposto por Tiago Balem e Paulo Reys em O TERRITÓRIO PARA AS PRÁTICAS URBANAS INSURGENTES. Os autores utilizam concepções próprias à filosofia e à geografia para discutir práticas urbanas insurgentes.

Também com uma abordagem amparada por ferramentas inerentes à geografia, em MAPEAMENTO PARTICIPATIVO e SIG ON-LINE: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA INTEGRADA, Sinval Cantarelli Xavier, Adriana Araujo Portella e Rayn Woolrych discorrem sobre a representação visual e simbólica da realidade do território. Os autores relatam a utilização de SIG on-line na espacialização, análise e narrativa das informações produzidas durante uma oficina de mapeamento participativo realizada na cidade de Pelotas.

Em PARA OPERAR O URBANO POR DENTRO É PRECISO UMA BOA DOSE DE PAISAGEM, Gianluca Mascali Perseu e Daniele Caron promovem uma discussão acerca da configuração de imagens hegemônicas para as paisagens de orla de Porto Alegre/RS, defendendo uma abordagem política da paisagem como uma possibilidade de desnaturalizar a produção macropolítica, dominante e excludente da cidade por meio

da visibilização e autorização discursiva de outras formas de existência no território.

As atividades comerciais transitórias e suas relações com a apropriação do espaço público são destacadas por Rhaiani Vasconcellos de Almeida Trindade e Larissa Leticia Andara Ramos em *ATIVIDADES COMERCIAIS TRANSITÓRIAS: DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS E APROPRIAÇÕES URBANAS*. E, dando seguimento às discussões sobre a apropriação do espaço urbano, Flávia Cristina Albuquerque Palhares Machado, Josemar de Campos Maciel e Dolores Pereira Ribeiro Coutinho, em *A CIDADE EM CENA: MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS EM CONTEXTOS URBANOS*, nos levam a refletir sobre os espaços públicos enquanto cenários de manifestações políticas, explorando suas implicações para o exercício do direito à cidade.

Em *O CAVALO AZUL DA LIBERDADE: DESINSTITUCIONALIZAÇÃO DA LOUCURA E AS NOVAS RELAÇÕES ENTRE SAÚDE MENTAL E CIDADE*, Ana Paula Vieceli considera a relação entre loucura e espaço urbano na contemporaneidade, percorrendo sobre a retomada do território da cidade pelo sujeito-louco e seus efeitos na prática da cidadania.

Também nos conduzindo por reflexões que margeiam o direito à cidade, em *NEOLIBERALISMO VS. PÓS-MODERNISMO NO PLANEJAMENTO URBANO: A EXPANSÃO DE NOVOS LOTEAMENTOS URBANOS DIANTE DE COMUNIDADES POPULARES EM PELOTAS (BRASIL)*, Christiano Piccioni Toralles recorre a diferentes teorias do planejamento para analisar e discutir a coexistência de duas realidades distintas em um mesmo território, a localidade conhecida como Passo dos Negros, na cidade de Pelotas: comunidades pobres e de pescadores; e loteamentos e condomínios de alto padrão.

Nos trazendo para o contexto global atual, os dois próximos artigos estabelecem relações entre a territorialidade e as desigualdades ampliadas pela pandemia da Covid-19. Em *GEOCODIFICAÇÃO DIGITAL E A COVID-19: A VELHA DISPUTA PELO TERRITÓRIO DO ATUAL URBANISMO DIGITAL NAS FAVELAS*, Fabiana Izaga, Rodrigo d'Ávila, Pérola Barbosa, Arthur Melo e Giovana Paape analisam a representação desigual dos casos de Covid-19 na região de Ramos, no Rio de Janeiro. Enquanto isso, em *CORPOS-URBANOS "INFECTADOS": INCORPORAÇÕES DA COVID-19 EM MACEIÓ/AL*, Juliana Michaello Macêdo Dias, Aline Nicole Barbosa Ramos e Isabela Camargo Ribeiro Fidelis de Moura Marques exploram as implicações da pandemia na corporalidade humana em sua dimensão urbana e, portanto, social e coletiva. Para tanto, as autoras abordam a relação corpo-cidade e suas particularidades no uso e deslocamento por grupos específicos e marginalizados durante a pandemia.

Em *SE ESSA RUA FOSSE MINHA: PRÁTICA UNIVERSITÁRIA PARA INTERVIR NA CRIAÇÃO DA CIDADE*, Marina Mecabô, Ligia Maria Avila Chiarelli e Pedro Gabriel Dos Santos Erler tensionam a interface escola-cidade, para refletir sobre a cultura de uso desse espaço urbano. Para isso, os autores nos convidam a olhar para o entorno de duas escolas no centro de Pelotas/RS.

Atentando para o papel das paisagens sonoras na produção do território, *JOGOS DIGITAIS COMO ESPAÇOS DE EXPRESSÃO SOBRE AS MEMÓRIAS SONORAS DE UM LUGAR: UM ESTUDO APLICADO A UM PATRIMÔNIO CULTURAL PELOTENSE* de Raquel Silveira da Silva e Adriane Borda, objetiva utilizar e pensar o som, característico de um tempo e lugar, como elemento singular e ativador de memórias sobre um patrimônio cultural.

Em *TERRITÓRIO DE SUBJETIVIDADES: ENTRE OS CONDOMÍNIOS FECHADOS E A CIDADE*, Carolina Magalhães Falcão e Eduardo Rocha observaram o cotidiano

dos moradores de um condomínio fechado, na cidade de Pelotas. Os autores buscam entender como esses indivíduos adaptaram suas vidas dentro do desenho normalmente igual oferecido pelo projeto e de que forma isso impactou em suas relações com os territórios externos.

O território é abordado a partir de suas diferentes camadas temporais em *VIVÊNCIAS DO GRUPO MAPEANDO MEMÓRIAS: AS LINHAS ART DÉCO COMO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL*. Anelis Rolão Flôres, Bibiana Torres Moreira, Manuela Kelling e Francisco Queruz traçam um pequeno percurso na Avenida Rio Branco de Santa Maria, com o objetivo de detectar os detalhes das edificações Art Déco. Os autores aproximam, por meio da *collage*, os conceitos de patrimônio, memória e construção de uma identidade local.

Por meio de estudos de caso em duas cidades do noroeste do Rio Grande do Sul, Sabrina Candaten, Rachel Coutinho Marques da Silva e Marcelo Motta de Freitas exploram questões relacionadas ao planejamento urbano e turístico, enaltecendo as características identitárias, relacionais, históricas e culturais do lugar na experiência dos indivíduos em *A EXPERIÊNCIA DO LUGAR: O TURISMO EM AMETISTA DO SUL/RS E IRAÍ/RS*.

Em *PERSPECTIVA ACERCA DO TERRITÓRIO, USOS, APROPRIAÇÕES, GESTÃO E AMBIENTE URBANO NO CONJUNTO HABITACIONAL LINDÓIA, EM PELOTAS/RS*, Matheus Gomes Barbosa, Nirce Medvedovski e Mônica Regina Garcez analisam aspectos arquitetônicos, modos de uso cotidiano, gestão e inadequações urbanas do Conjunto Habitacional Lindóia, através de uma metodologia baseada na pós-ocupação.

A seguir, Esther Ribeiro Costa Xavier aborda o paradoxo que se estabelece entre territórios urbanos e rurais de Teresópolis, Rio de Janeiro, devido ao seu caráter turístico. *TERESÓPOLIS: "HOSPEDAGEM, CULTURA E LAZER" (PARA QUEM?)* retrata a aplicação da metodologia Compartimentação da Paisagem em uma cartografia crítica, destacando vulnerabilidades e o prejuízo ao acesso a direitos básicos da população do campo.

Dando prosseguimento à discussão sobre vulnerabilidade e acesso à cidade, Luciele dos Santos Oliveira apresenta o projeto participativo de requalificação de um espaço aberto de um prédio público com função de assistência social. *QUALIFICAÇÃO URBANA PARTICIPATIVA CRAS SÃO GONÇALO: ACOLHER A PARTIR DO ESPAÇO* visa incentivar o uso e a apropriação do espaço por famílias em situação de vulnerabilidade social.

Na atualidade, as apropriações dos espaços urbanos foram afetadas drasticamente pelas restrições da pandemia. Nesse cenário contemporâneo, em *INFLEXÕES AMBIENTAIS ATÍPICAS EVIDENCIADAS PELA PANDEMIA COVID-19*, James Miyamoto, Patricia Drach e José Ripper Kós discutem como a atuação humana impulsiona alterações no sistema ecológico do planeta, mais especificamente no sistema atmosférico no meio urbano.

A complexidade do território urbano frente às problemáticas contemporâneas também aparece em *MONUMENTOS E ESPAÇOS PÚBLICOS: REFLEXÕES PEDAGÓGICAS DE ABORDAGEM PROJETUAL*. Larissa Mörschbacher, Isadora Baptista Alves e Aline Montagna da Silveira debatem estratégias de ensino para preparar universitários para trabalhar com bens de valor cultural a partir de uma visão crítica sobre a sua realidade.

Em *A PERCEPÇÃO URBANA NA ERA DIGITAL: UMA ANÁLISE LÓGICO-ARGUMENTATIVA*, os reflexos da contemporaneidade no território urbano são

discutidos a partir do impacto das novas tecnologias digitais. Ana Luiza Favarão Leão, Maria Luisa Consalter Diniz, Milena Kanashiro e Rovenir Bertola Duarte debatem a percepção do meio urbano com o advento das transformações e inserções das ferramentas digitais.

Relacionando o corpo mulher e seu território cidadão, Anajara de Paula Terra discute saberes, fortalecendo a importância do laço social estabelecido no respeito à diferença e na garantia de se estar cidadão em LUZ, CÂMERA, AÇÃO: SALPÊTRIÈRE, UM ESPETÁCULO ENTRE LUZ E AS SOMBRAS, ATO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO DO CORPO CIDADÃO MULHER.

Em (CON)CURSOS DE PROJETO: ANOTAÇÕES SOBRE ARQUITETURAS-OUTRAS, José Alberto de Oliveira Grechoniak e Ana Elísia da Costa partem da premissa de que adotar procedimentos participativos e inclusivos e buscar resultados processuais e abertos em concursos de projeto, pode garantir o acesso à cidadania e o consequente direito à cidade. Para tanto, os autores analisam dois estudos de caso, o Mercado Distrital do Cruzeiro, em Minas Gerais (2011) e o Mercado Público de Lages, em Santa Catarina (2014).

Buscando aprofundar conhecimentos sobre a relação entre a arquitetura, cuidados paliativos e cidadania, Fernanda Corrêa da Silva e Cristhian Moreira Brum apresentam uma revisão bibliográfica sobre esses conceitos em ARQUITETURA PARA CUIDAR: UMA ABORDAGEM SOBRE ESPAÇO, CUIDADO TERAPÊUTICO E CIDADANIA.

Em USOS E APROPRIAÇÕES DE ESPAÇOS PÚBLICOS NAS CIDADES DE TRÊS DE MAIO, RIO GRANDE DO SUL E RIVERA, URUGUAI, Ana Paula Soares Muller, Kayan Freitas de Araújo, Andrea Larruscahim Hamilton Ilha e Tatiane Vanessa Zamin destacam a importância e necessidade de espaços públicos nas cidades para a qualidade de vida e o direito à cidadania. Os autores investigam os usos e apropriações em espaços públicos em uma cidade brasileira e em uma cidade uruguaia. E, estendendo as investigações sobre a apropriação dos espaços públicos urbanos, em CIDADES PARA QUEM? UM OLHAR SOBRE O MUNICÍPIO DE PEJUÇARA/RS, À LUZ DOS DOZE CRITÉRIOS DE JAN GEHL, Roberta Rodrigues Valandro, Angela Pereira Barros, Tarcisio Dorn de Oliveira e Pedro Luís Büttgenbender analisam três praças municipais no Município de Pejuçara/RS por meio dos 12 critérios que potencializam a qualidade de um espaço público, segundo Jan Gehl.

Uma Pelotas Sagrada é introduzida em TERRITÓRIOS DE PELOTAS: CARTOGRAFIA DE UMA CIDADE SAGRADA. Martha Rodrigues Ferreira, Marcell Teixeira dos Santos e Louise Prado Alfonso apresentam uma ferramenta visual que traz outra concepção de Sul e de cidade, tornando menos abstrata a Pelotas Macumbeira, Batuqueira, Umbandista, Quimbandista, Candomblecista, presente apenas na oralidade e na imaginação de grupos específicos.

Abordando a correlação entre criminalidade e aspectos urbanísticos, Liziane de Oliveira Jorge, Daniella do Amaral Mello Bonatto e Brenda Mirium Dalfior analisam os crimes patrimoniais contra a pessoa em vias públicas de Vitória-ES e suas consequências na qualidade de vida e na apropriação do território urbano em CAMINHABILIDADE, COMPORTAMENTO E SEGURANÇA: UMA AVALIAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE FURTO E ROUBO À PESSOA EM VIAS PÚBLICAS DE VITÓRIA/ES.

Em seguida, Natália Toralles dos Santos Braga e Celia Helena Castro Gonsales retratam o cinema como atividade urbana em Pelotas. O trabalho intitulado O CINEMA E A MODERNIZAÇÃO DAS CIDADES: IMPACTOS NO CONTEXTO URBANO DE PELOTAS apresenta um material teórico que posiciona a cidade de Pelotas no contexto

de avanços científicos, artísticos e urbanísticos da virada do século e discute seus reflexos no território urbano.

A partir de contextos sociais, culturais e econômicos diversos, Gisele Pereira, Thaís Libardoni, Adriana Portella, Ryan Woolrych, Judith Sixsmith, Meiko Makita, Eduardo Rocha e Tulio Souza produzem uma reflexão sobre como a participação dos adultos mais velhos no lazer apoia o desenvolvimento do senso de lugar dentro de suas comunidades no Reino Unido e no Brasil em LEISURE AND THE SENSE OF PLACE OF OLDER ADULTS IN LOW-INCOME COMMUNITIES IN BRAZIL AND THE UK.

Encerrando esta edição, a seção Parede Branca apresenta três curtas metragens que foram exibidos durante o 3º Congresso Internacional de Cidadania, Espaço Público e Território. Em AEROFRACTAL, Gabriela Castro mostra como o voo de uma escultura em formato de tetraedro promoveu a apropriação espontânea e coletiva da Praça Mauá, na cidade do Rio de Janeiro. Já em UMA CIDADE COM MUITAS CÂMERAS de Alessandro Driê, o território urbano de Juiz de Fora, Minas Gerais, é observado por meio da objetividade e da “frieza” das câmeras posicionadas e disponibilizadas pela Secretaria de Transportes e Trânsito (SETTRA). O curta de animação experimental retrata a cidade tomada por automóveis e o distanciamento desses dispositivos em relação às pessoas. E, com uma abordagem histórica sobre o território, A COLÔNIA MILITAR DO ALTO URUGUAI de Marco Antonio Mello relata a importância estratégica dessa construção próxima ao município de Palmeira das Missões, às margens do Rio Uruguai, para o controle do território gaúcho.

Ainda nessa seção, Leticia Pereira Paixão e Paulo Henrique dos Santos Matos nos apresentam a arte periférica em São Paulo durante a pandemia como forma de protesto e a normalização do ato de se movimentar, e seus efeitos na vida cotidiana em INTER(AÇÃO) NATUREZA URBANA. e finalmente, em CENÁRIOS DO ACOLOHIMENTO E URBANISMO PARA CRIANÇAS: UMA EXPERIÊNCIA CARTOGRÁFICA DE ESTÁGIO DOCENTE, Taís Beltrame dos Santos nos conduz para sala de aula, onde se desenrola uma experiência de atividade cartográfica com crianças, delineada através do imaginário sobre os espaços públicos.

Destacamos também que as capas que compõem nossa edição são do trabalho do Processo Projetual do AEROFRACTAL, de autoria da arquiteta e urbanista Gabriela Castro, no qual manifestamos nossos sinceros agradecimentos.

Agradecemos a todos aqueles que fizeram parte dessa edição. Todas as contribuições, em seus vários ângulos, formas e perspectivas ajudam a ver a temática do território e da cidadania através da amplitude de sua abrangência, porém tomando consciência da complexidade e relevância de suas particularidades.

Desejamos a todos uma boa leitura.